

Da autora de *Como eu era antes de você*

intínscera

Um mais um



JOJO MOYES

"Majestoso, absolutamente irresistível."

The Independent

Da autora de *Como eu era antes de você*



Um mais um



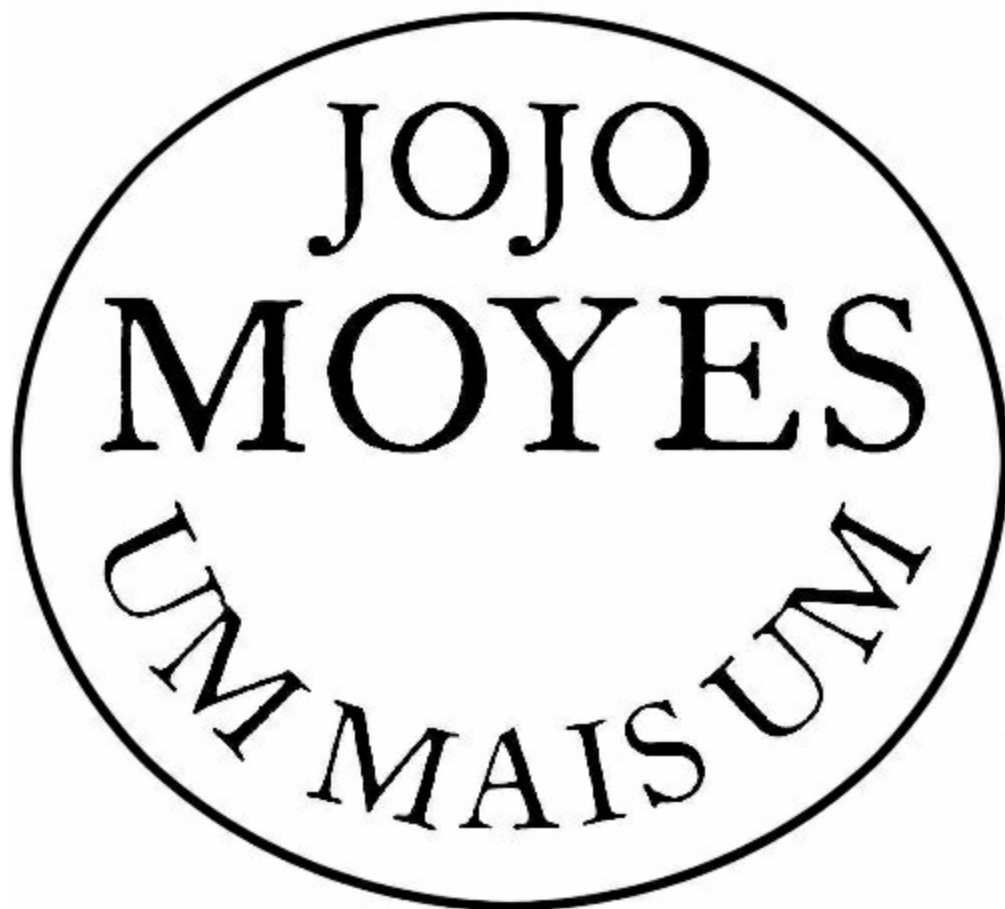
JOJO MOYES

"Majestoso, absolutamente irresistível."

The Independent



UM
MAIS
UM



Tradução de Adalgisa Campos da Silva Copyright

© Jojo's Mojo Limited, 2014

TÍTULO ORIGINAL

The One Plus One

PREPARAÇÃO

Valéria Prest

REVISÃO

Milena Vargas Luiz Felipe Fonseca

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Rebecca Gibbon

ADAPTAÇÃO DE CAPA Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-655-9

Edição digital: 2015

*Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA INTRÍNSECA
LTDA.*



Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar 22451-041 – Gávea Rio de Janeiro
– RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Agradecimentos

Agradeço como sempre às minhas incríveis equipes da Penguin de ambos os lados

do Atlântico. Na Penguin do Reino Unido, sou particularmente grata a Louise Moore,

Clare Bowron, Francesca Russel e Elizabeth Smith, e também a Mari Evans e Viviane

Basset.

Nos Estados Unidos, agradeço a Pamela Dorman, Kiki Koroshetz, Louise

Braverman, Rebecca Lang, Annie Harris e Carolyn Coleburn. Sou grata também a todos

os assistentes de mídia — Cindy Hamel Sellers, Carolyn Kretzer, Debb Flynn Hanrahan, Esther Levine, Larry Lewis e Mary Gielow —, que dedicaram um tempo considerável a

mim em 2014. Na Alemanha, meus agradecimentos vão para Katharina Dornhofer,

Marcus Gaertner e Grusche Junker e toda a equipe da Rowohlt, por seu trabalho

maravilhoso.

Na Cutis Brown, agradeço, mais uma vez, à minha incansável agente Sheila Crowley

e a Rebecca Ritchie, Katie McGowan, Sophie Harris, Rachel Clements e Alice Lutyens,

assim como a Jessica Cooper, Kat Buckle, Sven van Damme e, é claro, a Jonny Geller.

Agradeço a Robin Oliver e a Jane Foran por conselhos sobre a legislação que trata de informações privilegiadas.

Como precisei distorcer ligeiramente o processo legal para adequá-lo à trama, quaisquer erros ou irregularidades são inteiramente meus.

De modo geral, agradeço a Pia Printz, Damian Barr, Alex Heminsley, Polly Samson,

David Gilmour, Cathy Runciman, Jess Ruston e Emma Freud, bem como à turma na

Writersblock, pelas excelentes pausas narrativas. E também pelo extraordinário nível da ajuda, dos conselhos e da amabilidade, Ol Parker e Jonathan Harvey: obrigada.

Mais perto de casa, meus agradecimentos a Jackie Tearne, Chris Luckley, Claire

Roweth, Vanessa Hollis e Sue Donovan, sem as quais eu não teria sido capaz de escrever este livro.

Agradeço a Kieron e Sharon Smith e sua filha Tanzie, cujo nome dei à personagem

principal deste livro por prezar seu generoso lance num leilão de caridade em benefício do Stepping Stones Down Syndrome Support Group.

E agradeço a meus pais, Jim Moyes, Lizzie e Brian Sanders — e, principalmente, a

Charles, Saskia, Harry e Lockie, por serem o cerne de tudo.

Prólogo

ED

Ed Nicholls estava na sala de criação tomando café com Ronan quando

Sidney

entrou. Em pé atrás dele, havia um homem que Ed reconheceu vagamente, mais um dos

Ternos.

— Estávamos à sua procura — disse Sidney.

— Bem, nos acharam — afirmou Ed.

— Não de Ronan, de você.

Ed observou-os por um instante, depois jogou uma bola vermelha de espuma no teto

e pegou-a. Olhou de soslaio para Ronan. A Investacorp comprara metade das ações da

empresa havia dezoito meses, mas Ed e Ronan ainda chamavam eles de os Ternos. Era

um dos apelidos mais gentis que usavam para se referir a eles quando estavam sozinhos.

— Conhece uma mulher chamada Deanna Lewis?

— Por quê?

— Você deu a ela alguma informação sobre o lançamento do novo software?

— O quê?

— É uma pergunta simples.

Ed olhou de um Terno para outro. O clima estava estranhamente pesado. Seu estômago, que mais parecia um elevador lotado, iniciou uma descida lenta rumo a seus pés.

— Talvez a gente tenha conversado sobre trabalho. Que eu me lembre, nada específico.

— Deanna Lewis? — perguntou Ronan.

— Você precisa ser claro sobre isso, Ed. Deu a ela alguma informação sobre o

lançamento do SFAX?

— Não. Talvez. O que está havendo?

— A polícia está lá embaixo revistando a sua sala, com dois caras da Autoridade de

Serviços Financeiros. O irmão de Deanna foi preso por uso indevido de informações

privilegiadas.

Com base na informação que você deu aos dois sobre o lançamento do software.

— Deanna Lewis? A *nossa* Deanna Lewis?

Ronan começou a limpar os óculos, algo que fazia quando estava ansioso.

— O fundo *hedge* do irmão dela ganhou dois milhões e seiscentos mil dólares no primeiro dia de negociação.

Deanna, sozinha, teve um lucro líquido de cento e noventa mil em sua conta pessoal.

— O fundo *hedge* do irmão dela?

— Não estou entendendo — disse Ronan.

— Vou explicar com todas as letras.

Existe a gravação de uma conversa de Deanna Lewis com o irmão sobre o lançamento do SFAX. Ela diz que o Ed aqui contou que ia ser grandioso. E adivinhe só?

Dois dias depois, o fundo do irmão dela está entre os maiores compradores das ações. O

que exatamente você disse a ela, Ed?

Ronan olhou para o amigo. Ed se esforçou para organizar seus pensamentos. O ruído

que fez ao engolir foi vergonhosamente audível. Do outro lado da sala, a equipe de

desenvolvimento espiava por cima das divisórias dos seus cubículos.

— Não contei nada. — Ele piscou. — Não sei. Pode ser que eu tenha dito alguma

coisa. Isso não era segredo de Estado.

— *Era* segredo de Estado, porra, Ed — retrucou Sidney. — Isso se chama uso de informações privilegiadas. Ela contou ao irmão que você tinha lhe fornecido datas,

horas. Você disse a Deanna que a empresa ganharia uma fortuna.

— Então ela está mentindo! Falando demais. Nós estávamos apenas... a fim um do

outro.

— Você queria comer a garota e por isso deu com a língua nos dentes para impressioná-la?

— Não foi assim.

— Você transou com Deanna Lewis?

— perguntou Ronan, e Ed pôde sentir o olhar míope do amigo queimando-o até as

entranhas.

Sidney ergueu as mãos.

— Você precisa ligar para o seu advogado.

— Como posso estar encrencado? — perguntou Ed. — Não me beneficieei em nada

com isso. Nem sabia que o irmão dela tinha um fundo *hedge*.

Sidney olhou para além de Ed. Os rostos das outras pessoas de repente encontraram

algo interessante para olhar em suas mesas. Ele baixou o tom de voz: — Você tem que ir agora. Querem interrogá-lo na delegacia.

— O quê? Isso é loucura. Tenho uma reunião de software em vinte minutos.

Não vou a delegacia alguma.

— E obviamente vamos afastá-lo até chegarmos à raiz disto.

Ed deu uma risadinha.

— Está de brincadeira? Você não pode me afastar. É a minha empresa. — Ele jogou

a bola de espuma no ar e pegou-a, dando-lhes as costas. Ninguém se mexeu. — Não vou.

Essa empresa é nossa. Diga a eles, Ronan.

Ele olhou para Ronan, mas este mantinha o olhar fixo no chão. Ed encarou

Sidney,

que balançava a cabeça.

Por fim, olhou para os dois homens uniformizados que haviam surgido atrás de

Sidney, para sua secretária, que tapava a boca com a mão, para o caminho de carpete

entre ele e a porta, e a bola de espuma caiu silenciosamente entre seus pés.

1

JESS

Jess Thomas e Nathalie Benson afundaram no assento da van delas, estacionada

longe o bastante da casa de Nathalie para que não pudessem ser vistas lá de dentro.

Nathalie estava fumando. Ela havia parado de fumar pela quarta vez seis semanas antes.

— Oitenta libras por semana, garantido. E férias remuneradas. — Nathalie deu um

grito. — Caramba!

Quero muito encontrar a puta que deixou aquele brinco e dar uma surra nela por nos

fazer perder nosso melhor trabalho.

— Vai ver ela não sabia que ele era casado.

— Ah, ela sabia. — Antes de conhecer Dean, Nathalie se relacionara por dois anos

com um homem que tinha não apenas uma, mas duas famílias do outro lado de

Southampton. — Nenhum homem solteiro tem almofadas decorativas de cores

combinando na cama.

— Neil Brewster tem — disse Jess.

— A coleção de música de Neil Brewster é sessenta, setenta por cento Judy Garland,

trinta por cento Pet Shop Boys.

Elas faziam faxina juntas todos os dias úteis havia quatro anos, desde a época em que o Parque de Veraneio Beachfront era parte paraíso, parte canteiro de obras. Desde que os empresários do ramo imobiliário prometeram às famílias locais acesso à piscina e

garantiram a todos que um grande empreendimento voltado para a classe A geraria

benefícios para aquela cidadezinha costeira em vez de sugar o que restava de sua vida. O

nome desbotado, FAXINA BENSON & THOMAS, fora pintado com estêncil na lateral

da van branca. Nathalie acrescentara embaixo:

“MEIO SUJO?

PODEMOS AJUDAR?” , até Jess salientar que, durante dois meses inteiros, metade

das ligações que elas haviam recebido não tinha nada a ver com faxina.

Praticamente todos os trabalhos delas agora eram no empreendimento

imobiliário

Beachfront. Quase ninguém na cidade tinha dinheiro — ou disposição — para contratar

uma faxineira, exceto os médicos, o advogado e um ou outro cliente ocasional, como a Sra. Humphrey, cuja artrite a impedia de fazer ela mesma a limpeza. Por um lado, era um bom trabalho. Era possível ser autônoma, organizar o próprio horário e quase sempre escolher os clientes. A desvantagem, por incrível que parecesse, não eram os clientes nojentos (e sempre havia pelo menos um cliente nojento), nem o fato de que limpar a

privada de alguém deixava a pessoa com a sensação de estar longe de onde planejava

chegar. Jess não se incomodava em tirar chumaços de cabelo do ralo dos outros nem

com o fato de que, em sua maioria, as pessoas que alugavam casas de veraneio pareciam se sentir na obrigação de passar uma semana vivendo como porcos.

O que a desagradava era acabar descobrindo muito mais do que queria sobre a vida alheia.

Jess poderia contar sobre o hábito de compras secreto da Sra. Eldridge: as notas

fiscais de sapatos de grife com as quais ela enchia a lixeira do banheiro, e as sacolas com roupas que nunca haviam sido usadas, mantidas no guarda-roupa ainda com as etiquetas.

Ela poderia contar que Lena Thompson vinha tentando engravidar havia quatro anos, e

fazia dois testes de gravidez por mês (os boatos eram de que ela não tirava as calças).

Poderia contar que o Sr. Mitchell, morador da mansão atrás da igreja,

ganhava um

salário de seis dígitos (ele deixava os contracheques na mesa do hall de entrada; Nathalie jurava que ele fazia isso de propósito) e que a filha dele fumava escondido no banheiro.

Se quisesse, Jess poderia nomear quais mulheres saíam com uma aparência

imaculada — cabelo impecável, unhas feitas, levemente perfumadas com fragrâncias

caras —, mas que não achavam nada demais deixar calcinhas sujas à vista no chão.

Ou quais adolescentes largavam toalhas duras que ela não se arriscaria a pegar sem

uma pinça. Havia os casais que dormiam em camas separadas todas as noites, as esposas repetindo com animação que andam tendo uma “quantidade incrível de visitas

ultimamente” ao lhe pedirem que trocassem a roupa de cama do quarto de hóspedes,

além dos banheiros que requeriam uma máscara de gás e um alerta contra substâncias

nocivas.

E, então, de vez em quando, arranjava-se uma boa cliente como Lisa Ritter e

chegava-se para passar aspirador na casa dela e ia-se embora com um brinco de brilhante e uma carga completa de conhecimento que realmente não teria feito falta.

— Deve ser da minha filha, da última vez que ela veio aqui em casa — disse Lisa

Ritter, a voz tremendo ligeiramente com o esforço enquanto segurava o

brinco. — Ela

tem um par igualzinho a esse.

— É claro — concordou Jess. — Deve ter sido chutado para dentro do quarto da

senhora. Ou carregado pelo sapato de alguém. A gente sabia que seria alguma coisa

assim. Desculpe. Se soubesse que não era seu, nunca a teria incomodado com isso.

E percebeu naquele mesmo instante, quando a Sra. Ritter se afastou dela, que aquilo

seria o fim. As pessoas não agradecem por lhes trazer más notícias.

No fim da rua, uma criancinha com roupas acolchoadas caiu suavemente no chão

como uma árvore abatida e após um breve silêncio começou a chorar. A mãe, com

ambos os braços carregados de sacolas de compras perfeitamente equilibradas, ficou

parada, olhando muda e consternada.

— Olhe, você ouviu o que ela disse na semana passada: Lisa Ritter se livraria da

própria cabeleireira antes de se livrar de nós.

Nathalie fez a expressão que queria dizer que Jess poderia ver o lado bom de um

apocalipse nuclear.

— Antes de se livrar das “faxineiras”.

É diferente. Ela não vai ligar se somos nós ou o pessoal da Speedicleanz ou da Maids with Mops. — Nathalie balançou a cabeça. — Não. Para ela, de agora em diante,

seremos sempre as faxineiras que sabem que o marido a trai. Isso importa para mulheres como Lisa Ritter. As aparências são tudo para elas, não são?

A mãe acomodou as sacolas no chão e parou para pegar a criança. Jess apoiou os pés

descalços no painel e deixou o rosto pender nas mãos.

— Droga. Como vamos recuperar esse dinheiro, Nat?

— Aquela casa era impecável. Era basicamente um trabalho de polimento duas vezes

por semana.

Nathalie olhou pela janela.

— E ela sempre pagava na hora.

Jess não parava de olhar para o brinco de brilhante. Por que elas não fingiram que

não o tinham visto? Na verdade, teria sido melhor se uma delas simplesmente o tivesse roubado.

— Tudo bem, então, ela vai cancelar nosso serviço. Vamos mudar de assunto, Nat.

Não posso me dar ao luxo de chorar antes do meu expediente no pub.

— E aí, Marty ligou essa semana?

— Eu não quero mudar para esse assunto.

— Bem, ele ligou?

Jess suspirou.

— Sim.

— Ele disse por que não ligou na semana passada?

Nathalie empurrou os pés de Jess para longe do painel.

— Não. — Jess conseguia sentir o olhar dela. — E não, ele não mandou dinheiro

algum.

— Ah, espere *aí*. Você tem que botar a justiça atrás dele. Não pode continuar tocando as coisas assim. Ele tem que mandar dinheiro para os filhos.

Aquela era uma discussão antiga.

— Ele... ele ainda não está bem — disse Jess. — Não posso pressioná-lo mais.

Marty continua desempregado.

— Bem, agora você vai precisar desse dinheiro. Até arranjarmos outro serviço como

o de Lisa Ritter. Como vai Nicky?

— Fui à casa do Jason Fisher falar com a mãe dele.

— Está brincando. Aquela mulher me assusta. Ela disse que ia mandar ele deixar

Nicky em paz?

— Algo assim.

Nathalie manteve os olhos fixos em Jess e baixou um pouco o queixo.

— Ela me disse que se eu pusesse os pés mais uma vez na casa dela, me daria uma

surra daquelas. Em mim e nos meus... o que ela falou mesmo? ... em mim e nos meus

“filhos anormais”. — Jess abaixou o espelho do carona e deu uma olhada no cabelo,

puxando-o para trás num rabo de cavalo. — Ah, e depois me disse que o Jason querido

dela não faria mal nem a uma mosca.

— Típico.

— Tudo bem. Eu estava com Norman.

E, bendito seja, ele fez um cocô enorme ao lado do Toyota deles, e, de alguma

forma, me esqueci de que tinha uma sacola plástica no bolso.

Jess tornou a colocar os pés para cima.

Nathalie empurrou-os mais uma vez para baixo e limpou o painel com um pano

úmido.

— Mas falando sério, Jess. Faz quanto tempo que Marty saiu de casa? Dois anos?

Você é jovem. Não pode ficar esperando que ele dê um jeito na vida.

Tem que tomar as rédeas de novo — disse Nathalie, fazendo uma careta.

— Tomar as rédeas de novo. Legal.

— Liam Stubbs gosta de você. Poderia muito bem tomar as rédeas dele.

— Qualquer par comprovado de cromossomos X poderia tomar as rédeas de Liam

Stubbs.

Jess fechou o vidro.

— Estou melhor lendo um livro. Além do mais, acho que as crianças já tiveram

muita perturbação na vida sem brincar de “vou apresentar um novo tio”. Certo?

— Ela ergueu os olhos e torceu o nariz para o céu. — Tenho que preparar o chá e

depois preciso me arrumar para o pub.

Vou dar uns telefonemas antes de ir, ver se algum cliente quer um trabalho extra.

E, nunca se sabe, ela pode não cancelar nosso serviço.

Nathalie baixou o vidro e soltou uma longa baforada de fumaça.

— Com certeza, Dorothy. E nosso próximo trabalho será fazer faxina na Cidade

Esmeralda no fim da Estrada de Tijolos Amarelos.

O número quatorze da Seacole Avenue estava tomado pelo barulho de explosões.

Tanzie calculara recentemente que, desde que Nicky completara dezesseis anos, ele

passara oitenta e oito por cento de seu tempo livre no quarto. Mas Jess não podia culpá-

lo.

Ela largou a caixa com o material de faxina no hall, pendurou a jaqueta, subiu a

escada sentindo o leve desalento habitual com o estado surrado do carpete, e empurrou a porta do quarto do menino. Ele estava usando fones de ouvido e atirando em alguém. O

cheiro de maconha era forte, o suficiente para deixá-la tonta.

— Nicky — disse ela, e alguém explodiu com uma saraivada de balas.

— Nicky. — Jess foi até ele, puxou-lhe os fones de ouvido e o garoto se virou com

uma expressão confusa, como a de uma pessoa que é acordada de repente.

— Dando duro, não é?

— Intervalo no estudo.

Ela pegou um cinzeiro e estendeu-o para ele.

— Pensei que já tivesse lhe pedido.

— É da noite passada. Não consegui dormir.

— Dentro de casa não, Nicky.

De nada adiantava proibir completamente. Todos eles faziam aquilo na região. Jess

dizia a si mesma que tinha sorte por ele só ter começado aos quinze anos.

— Tanzie já voltou?

Ela parou para catar meias e canecas jogadas no chão.

— Não. Ah, ligaram da escola depois do almoço.

— Para quê?

Nicky digitou alguma coisa no computador e depois se virou de frente para ela.

— Não sei. Alguma coisa sobre a escola.

Ela levantou uma mecha daquele cabelo preto tingido, e lá estava: uma nova marca

na maçã do rosto. Nicky se esquivou.

— Você está bem?

Ele deu de ombros e desviou os olhos dela.

— Vieram de novo atrás de você?

— Estou bem.

— Por que não me ligou?

— Meu celular está sem crédito.

O menino se recostou e disparou uma granada virtual. A tela explodiu numa bola de

fogo. Ele recolocou os fones de ouvido e voltou-se para a tela.

Nicky fora morar em tempo integral com Jess havia oito anos. Era filho de Marty com

Della, uma mulher com quem seu ex-marido teve um breve relacionamento na

adolescência. O garoto chegara calado e desconfiado, pernas e braços finos e compridos, um apetite voraz. Sua mãe começara a andar com uma nova turma até por fim

desaparecer em algum lugar na região de Midlands com um homem chamado Big Al,

que nunca olhava ninguém nos olhos e segurava uma indefectível lata de cerveja

Tennent's Extra no punho avantajado.

Nicky fora encontrado dormindo no vestiário da escola, e quando as assistentes

sociais voltaram a ligar, Jess disse que o menino podia ir morar com eles.

— É justamente do que você precisa — observou Nathalie. — Mais uma boca para

alimentar.

— Ele é meu enteado.

— Você o viu duas vezes em quatro anos. E você ainda nem tem vinte.

— Bem, as famílias são assim hoje em dia.

Ela às vezes se perguntava se aquilo fora a gota d'água. O motivo que fizera Marty

abdicar completamente da responsabilidade em relação à família.

Mas Nicky era um bom garoto por baixo de todo aquele cabelo preto brilhoso e do

delineador. Era amável com Tanzie, e nos dias bons falava, ria e permitia a Jess um ou outro abraço sem jeito, e ela estava satisfeita com ele, mesmo que às vezes parecesse que, basicamente, tinha arranjado mais uma pessoa para deixá-

la ansiosa.

Ela saiu para o jardim com o telefone e respirou fundo.

— Hum, alô? Aqui é Jessica Thomas.

Recebi o recado para retornar a ligação.

— Uma pausa. — Tanzie está...? Está...

está tudo bem?

— Está tudo bem. Desculpe. Eu devia ter dito. Sou o Sr. Tsvangarai, professor de

matemática da Tanzie.

— Ah.

Ela o visualizou: um homem alto de terno cinza. Cara de diretor de funeral.

— Eu queria falar com a senhora porque algumas semanas atrás tive uma conversa

muito interessante com um antigo colega que trabalha na St. Anne's.

— Na St. Anne's? — Jess franziu o cenho. — Aquela escola particular?

— É. Eles têm um programa para crianças superdotadas em matemática.

E, como a senhora sabe, já tínhamos identificado Tanzie como dotada e

talentosa.

— Porque ela é boa em matemática.

— Mais do que boa. Bem, na semana passada lhe passamos a prova de qualificação.

Não sei se ela mencionou isso. Mandeí uma carta para sua casa, mas não sei se a senhora a viu.

Jess apertou os olhos para uma gaivota no céu. Alguns jardins adiante, Terry

Blackstone começara a cantar acompanhando o rádio. Ele era conhecido por imitar o

Rod Stewart se achasse que não havia ninguém olhando.

— Recebemos os resultados hoje de manhã. E ela se saiu bem. Muitíssimo bem. Sra.

Thomas, se estiver de acordo, eles gostariam de entrevistar sua filha para uma vaga

subsidiada.

Ela se viu arremedando-o.

— Uma vaga subsidiada?

— Para certas crianças de habilidade excepcional, a St. Anne's abre mão de uma

parte significativa dos pagamentos escolares. Isso quer dizer que Tanzie receberia uma educação de alto nível.

Ela tem um talento para números extraordinário, Sra. Thomas. Realmente acho que

essa poderia ser uma grande oportunidade para a sua filha.

— A St. Anne's? Mas... ela teria que atravessar a cidade de ônibus.

Precisaria dos uniformes e de todo o material. Ela... ela não conheceria ninguém.

— Ela faria amizades. Mas esses são apenas detalhes, Sra. Thomas. Vamos esperar e

ver o que a escola oferece.

Tanzie é uma menina talentosa. — Ele fez uma pausa. Como ela não disse nada, ele

baixou a voz: — Ensino matemática há quase vinte e dois anos, Sra. Thomas.

E nunca conheci uma criança que entendesse conceitos matemáticos tão bem quanto

ela. Na verdade, acho que Tanzie está passando do ponto em que eu teria algo a lhe

ensinar. Algoritmos, talvez, números primos...

— Tudo bem. É aí que o senhor me deixa confusa, Sr. Tsvangarai.

Ele riu.

— Vou manter contato.

Ela desligou o telefone e sentou-se pesadamente na cadeira de jardim de plástico

branca, na qual crescera uma fina pátina de musgo cor de esmeralda.

Fitou o nada. Pela janela viu as cortinas que Marty sempre considerara muito claras, o triciclo vermelho de plástico do qual nunca conseguira se livrar, as guimbas de cigarro da porta ao lado salpicadas como confete na entrada da casa, as tábuas podres da cerca por entre as quais o cachorro insistia em enfiar a cabeça. E apesar do que Nathalie

classificava como seu otimismo francamente desorientado, Jess percebeu que seus olhos tinham ficado inesperadamente cheios d'água.

Havia um monte de coisas horríveis associadas ao fato de o pai dos seus filhos ter

ido embora: os problemas financeiros, a raiva reprimida em nome das crianças, o modo como a maioria de suas amigas casadas agora a tratava como se ela fosse uma espécie de ladra de maridos em potencial. Pior do que isso, porém, pior do que a luta interminável e exaustiva que minava as finanças e as energias, era que ser chefe de família sozinha quando se estava totalmente despreparada para isso era, de fato, a posição mais solitária da terra.

2

TANZIE

Havia vinte e seis carros no estacionamento da St. Anne's. Duas fileiras de treze

reluzentes quatro por quatro um na frente do outro, entrando nas vagas e saindo delas em um ângulo médio de quarenta e um graus antes que o próximo da fila avançasse.

Tanzie os observava enquanto atravessava a rua com a mãe, vindas do ponto de

ônibus, os motoristas falando ilegalmente nos telefones ou

conversando com os bebês louros de olhos esbugalhados nos bancos traseiros. A mãe

ergueu o queixo e balançou as chaves de casa na mão livre, como se na verdade fossem as chaves de seu carro e ela e Tanzie tivessem acabado de estacionar ali perto. A mãe ficava olhando para trás.

Tanzie achou que ela estava com medo de esbarrar em uma de suas clientes da

faxina, que lhe perguntaria o que ela estava fazendo naquele lugar.

Tanzie nunca entrara na St. Anne's, embora tivesse passado por ali de ônibus pelo

menos umas dez vezes, porque o dentista do Serviço Nacional de Saúde ficava naquela

rua. Do lado de fora, havia apenas uma sebe interminável podada exatamente a noventa graus (ela se perguntou se o jardineiro usava um transferidor) e árvores grandes com galhos baixos propagando-se pelos pátios de recreação como se estivessem ali para

abrigar as crianças.

As crianças da St. Anne's não batiam com as bolsas nas cabeças umas das outras

nem imprensavam colegas na parede para roubar o dinheiro do almoço. Não havia

professores com vozes cansadas conduzindo adolescentes para as salas de aula. As

meninas não enrolavam seis vezes o cós das saias.

Não havia uma única pessoa sequer fumando. A mãe apertou de leve sua mão.

Tanzie desejou que ela não parecesse tão nervosa.

— É legal, não é, mamãe?

Jess assentiu.

— É. — A palavra saiu como um guincho.

— O Sr. Tsvangarai me contou que todos os alunos dos dois últimos anos do

ensino

médio da St. Anne's que fizeram matemática tiraram A ou A mais. Isso é bom, não é?

— Incrível.

Tanzie puxou um pouco a mão da mãe para que pudessem chegar mais depressa ao

gabinete do diretor.

— Você acha que Norman vai sentir minha falta nos dias prolongados?

— Dias prolongados?

— As aulas na St. Anne's só terminam às seis. E tem clube de matemática às terças e

quintas. Eu definitivamente vou querer participar.

A mãe olhou para ela. Parecia muito cansada. Vivia cansada ultimamente.

Deu um daqueles sorrisos amarelos que de sorriso não tinha nada, e elas entraram.

— Olá, Sra. Thomas. Olá, Costanza. É

muito bom conhecê-las. Sentem-se.

A sala do diretor tinha um pé-direito alto com florões de gesso branco a cada vinte

centímetros, intercalados com botõezinhos de rosa exatamente no meio.

Era abarrotada de móveis velhos e, através de uma grande janela na sacada, via-se

um homem montado num cortador de grama indo para cima e para baixo num campo de

cricket. Numa mesinha, fora colocada uma bandeja com café e biscoitos. Dava para notar que eram caseiros. A mãe fazia uns do mesmo tipo antes de o pai ter saído de casa.

Tanzie sentou-se na beira do sofá e olhou para os dois homens à sua frente.

O de bigode sorria como uma enfermeira antes de lhe aplicar uma injeção. A mãe

acomodara a bolsa no colo, e Tanzie conseguiu vê-la esconder com a mão o canto que

Norman havia roído. Suas pernas tremiam.

— Este é o Sr. Cruikshank. Ele é o coordenador de matemática. Sou o Sr. Daly. Faz

dois anos que sou diretor desta escola.

Tanzie ergueu os olhos do biscoito.

— Vocês ensinam cordas?

— Ensinamos — respondeu o Sr. Cruikshank.

— E probabilidade?

— Isso também.

O Sr. Cruikshank inclinou-se à frente.

— Vimos os resultados do seu teste e achamos, Costanza, que você deveria prestar o

exame para obter o Certificado Geral de Educação Secundária de matemática no ano que vem e terminar isso logo. Porque acho que você iria gostar

bastante das questões do

Nível A.

Tanzie olhou para ele.

— O senhor tem provas de verdade?

— Tenho algumas na outra sala.

Gostaria de vê-las?

Ela não conseguia acreditar que ele estava mesmo oferecendo. Pensou por um

instante em dizer “Bem, dã”, como Nicky. Mas limitou-se a concordar com a cabeça.

Sr. Daly serviu um café a Jess.

— Não vou fazer rodeios, Sra. Thomas. Sabe muito bem que sua filha tem uma

habilidade excepcional. Só vimos notas iguais às dela uma vez e eram de um aluno que acabou se tornando professor titular da Trinity College.

Ele falou tanto que Tanzie se distraiu um pouco.

— ...para um grupo muito seletivo de alunos que têm uma habilidade excepcional

visível, criamos uma nova bolsa de estudos de acesso igualitário.

— *Blá-blá-blá*. — Isso ofereceria a uma criança, que, de outra maneira, não poderia desfrutar das vantagens de uma escola como esta, a oportunidade de realizar o seu

potencial em... — *Blá-*

blá-blá... — Embora estejamos muito interessados em ver até que ponto Costanza poderia avançar no campo da matemática, também queremos garantir que ela seja bem

preparada em outras áreas da sua vida acadêmica. Temos um currículo esportivo e

musical completo.

— *Blá-blá-blá...* — Crianças com um conhecimento básico de aritmética também são, muitas vezes, competentes em línguas... — *Blá-blá-blá* — ... e teatro, o que costuma ser muito popular entre garotas da idade dela.

— Só gosto mesmo de matemática — disse a menina. — E de cachorro.

— Bem, não temos nada relacionado a cachorros, mas certamente lhe ofereceríamos

muitas oportunidades de se aprofundar na matemática. Mas acho que pode se

surpreender com a quantidade de outras coisas de que gosta. Toca algum instrumento?

Ela negou com a cabeça.

— Fala algum idioma?

A sala ficou meio silenciosa.

— Tem outros interesses?

— Vamos nadar às sextas-feiras — disse a mãe.

— Desde que o papai saiu de casa a gente não foi mais.

A mãe sorriu, mas o sorriso saiu meio torto.

— Fomos, sim, Tanzie.

— Uma vez. Em treze de maio. Mas agora você trabalha às sextas-feiras.

O Sr. Cruikshank saiu da sala e voltou logo depois com as provas. Tanzie enfiou o

último biscoito na boca, depois se levantou e foi se sentar ao seu lado.

Ele tinha uma pilha de provas. Coisas que ela ainda nem tinha aprendido!

Tanzie começou a dar uma olhada nas páginas com ele, mostrando-lhe o que conhecia e o que não conhecia e, ao fundo, ouvia as vozes em surdina da mãe e do

diretor.

Parecia que estava correndo tudo bem, e Tanzie concentrou a atenção no que estava

na página.

— Sim — dizia o Sr. Cruikshank calmamente, apontando para a página —, mas o

curioso sobre os processos de renovação é que, se aguardarmos determinado tempo e

depois observarmos quão grande é o intervalo de renovação que contém um processo,

devemos esperar que ele seja normalmente maior do que um intervalo de renovação de

tamanho médio.

Ela sabia disso!

— Então, os macacos levariam mais tempo para digitar Macbeth?

— Isso mesmo. — Ele sorriu. — Eu não tinha certeza se você já tinha estudado

alguma teoria da renovação.

— Na verdade, não estudei. Mas o Sr. Tsvangarai me falou sobre isso uma vez e eu

pesquisei na internet. Gostei de toda a parte do macaco.

Ela folheou as provas. Os números cantavam para ela. Sentia o cérebro zumbir e

sabia que tinha que ir para aquela escola.

— Mamãe — disse Tanzie.

Normalmente ela não interrompia, porém estava muito empolgada e esqueceu os

bons modos. — Acha que poderíamos conseguir alguns destes problemas?

O Sr. Daly olhou para elas. Parecia não ter se incomodado com a falta de modos.

— Sr. Cruikshank, temos algumas cópias?

— Pode ficar com estas.

Ele as entregou! Simples assim! Um sinal tocou lá fora, e ela ouviu as crianças

passando pela janela do gabinete, os sapatos rangendo no cascalho.

— Então... o que acontece em seguida? — perguntou a mãe.

— Bem, gostaríamos de oferecer a Costanza... Tanzie... uma bolsa de estudos.

O Sr. Daly ergueu uma pasta brilhosa da mesa.

— Aqui estão nossos prospectos e a documentação relevante. A bolsa cobre noventa

por cento dos custos escolares.

É a bolsa mais generosa que esta escola já ofereceu. Em geral, cinquenta por cento é o nosso máximo, dada a extensa lista de espera de alunos que desejam vir para cá.

Ele estendeu a bandeja para Tanzie.

De alguma forma, ela havia sido reabastecida com mais biscoitos.

Aquela realmente era a melhor escola de todos os tempos.

— Noventa por cento — disse a mãe.

Ela colocou o biscoito de volta no pires.

— Estou ciente, sim, de que ainda há um

compromisso financeiro considerável envolvido. E também haveria custos com

uniforme e transporte, além de quaisquer extras que ela possa querer, como música ou viagens escolares. Mas eu gostaria de ressaltar que esta é uma oportunidade incrível. —

Ele se inclinou para a frente. — Adoraríamos tê-la aqui, Tanzie. Seu professor de

matemática diz que é uma alegria trabalhar com você.

— Gosto da escola — disse ela, pegando outro biscoito. — Sei que muitos dos meus

amigos acham a escola chata. Mas prefiro a escola à minha casa.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Mais Um"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).